

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade de  
Coimbra - Alta e Soffa  
inscrita na Lista do Património  
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCÍO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

## Coordenador

José Reis

## Editor

Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

## Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

## Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

## Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

## ISBN

978-989-8847-25-6

# VISUALIDADE

Maria José Canelo

A confluência de visão e conhecimento estabeleceu o ocularcentrismo como uma das bases mais sólidas da cultura moderna. As formas de produção das representações visuais, os objetos representados, os significados a eles associados e o seu impacto sobre as crenças e as práticas sociais são naturalmente situadas em contextos específicos e podemos falar da visualidade para referir a constelação de práticas discursivas que atribuem significados ao imaginário visual dominante.

A atual crise de saúde pública tem sido complementada por uma visualidade própria, as imagens e significados que explicam o que é a pandemia: imagens de hospitais a transbordar de uma humanidade comum que exhibe desespero, doença e morte, que contrastam com outras, de ruas desertas, que associamos a desalento e medo. Estas imagens reais são acompanhadas por imagens simbólicas da codificação da doença em números, normalmente assistidos por outra imagem assídua, a representação visual do vírus. Esta permite ao olhar exercer o poder de captura e apropriar-se do representado, o que reduz o desconforto e o medo do que escapa à visão e ao conhecimento, porque estabiliza o vírus: dá-lhe forma, cor e até textura – vimos que é uma esfera esponjosa, fofa e cinzenta, salpicada de pequenos espinhos cuja extremidade assume uma forma semelhante a uma coroa. Esta fotografia usa cores artificiais: do núcleo cinzento, a esfera propriamente dita, às extensões, coloridas de vermelho, mas mesmo sem correspondência exata com a microscopia do vírus, a imagem tornou-se icónica e pedagógica, ao visualizar essa entidade na verdade in-

visível a olho nu. Já a conversão dos números em gráficos, tabelas e mapas propõe outro tipo de epistemologia visual, através do processamento e tradução de dados em esquemas que produzem informação interativa, em atualização permanente, sugerindo que se assiste à disseminação da pandemia em direto. Os números arrumados em regiões e grupos etários e o traçado de redes de contacto propõem a legibilidade da pandemia, sugerindo controlo, tomada de decisões responsáveis, confiança e segurança. Mas identificar não é compreender. As imagens fazem parte de uma lógica imediatista que mostra, mas não explica; oferece, mas não preenche, num nexos de consumo que apenas satisfaz o olhar.

Certo é que, no desenvolvimento da cultura ocularcêntrica, a relação dos sujeitos com as imagens não foi acompanhada por instrumentos de análise crítica ou por uma literacia visual que permita, primeiro, selecionar as imagens significativas das que apenas pacificam o olhar e a inquietação do momento. A observação deve ser atenta e responsável, deve exigir contexto e comparar imagens; tem de ser persistente, vasculhar a genealogia da pandemia: as ligações à história, à economia, à política, à cultura, a outras catástrofes; buscar as causas naturais e humanas e também os reflexos do futuro que a imagem projeta. Esse olhar crítico sabe evitar a ofuscação, suspeita do excesso de visibilidade ou de foco, interessa-se pela perspectiva e procura também o que não é visível. A tudo isto podemos chamar a interpretação; sem ela, a imagem nunca diz o suficiente.